

NEWTON BIGNOTTO

As aventuras da virtude

As ideias republicanas na França do século XVIII



Copyright © 2010 by Newton Bignotto

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Victor Burton

Imagens da capa

Prisão do governador da Bastilha, Jean-Baptiste Lallemand, 1790

Voltaire, Catherine Lusurier, 1762

Maximilien Robespierre, Anônimo, c. 1790

Danton, François Marie Charpentier, 1792

Les sans-culottes, Job, 1900

Louis XVI, Anônimo, c. 1770

Parede de fundo do Museu do Louvre

© Neville Mountford-Hoare/ Wilcard/ LatinStock

Preparação

Osvaldo Tagliavini Filho

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Carmen S. da Costa

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bignotto, Newton

As aventuras da virtude : as ideias republicanas na França
do século XVIII / Newton Bignotto. — São Paulo : Companhia das
Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1747-5

1. Filosofia política 2. Republicanismo - França - História 3. Virtude
e política I. Título.

10-09241

CDD-320.944

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia política : França : História	320.944
2. França : História : Filosofia política	320.944

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Agradecimentos	9
Introdução	11
O léxico republicano: a contribuição do Iluminismo	25
Rousseau: virtude e política	86
A gramática republicana: o <i>Contrato social</i>	137
Republicanismo e revolução	212
Republicanismo, jacobinismo e Terror	292
Conclusão: Thermidor ou a República impossível	363
Cronologia	369
Bibliografia	373
Índice remissivo	383

O léxico republicano: a contribuição do Iluminismo

O desenvolvimento do Iluminismo ao longo das décadas que antecederam a Revolução Francesa foi marcado pelo combate a uma série de preconceitos, pela abertura de novas fronteiras do conhecimento, pela crença nos poderes da razão e da ciência e pela defesa da tolerância religiosa. Num período de intensa criatividade e crítica aos regimes absolutos, a referência à tradição republicana foi mais frequente do que se costuma admitir, mas nem por isso implicou a existência de um republicanismo político, que seria central no pensamento iluminista. De um lado, as pequenas repúblicas europeias tinham pouca expressão e não serviam como um modelo de governo capaz de influenciar as disputas entre os grandes Estados nacionais.¹ De outro lado, no entanto, sobrevivia um ideário republicano, de conteúdo mais moral do que político, mas que encontrava eco nas discussões que ocorriam nos principais centros europeus. Como resumiu Venturi:

¹ Franco Venturi, *Utopia e Reforma no Iluminismo*. Nesse caso, ver especialmente o cap. 1, pp. 53-98.

Sobrevive uma amizade republicana, um sentido republicano do dever, um orgulho republicano mesmo em um mundo agora mudado, até mesmo no próprio coração de um Estado monárquico, na corte, no mais profundo ânimo de homens que poderiam parecer completamente integrados ao mundo do absolutismo.²

Foi nesse universo rico e aberto que questões como as da virtude, do patriotismo, da liberdade e da soberania popular encontraram lugar e puderam ser discutidas. O vocabulário da vida pública foi sendo paulatinamente enriquecido, sem que aqueles que recorriam a ele compartilhassem necessariamente da crença de que a forma republicana de governo fosse a solução para os problemas cada vez mais evidentes das grandes monarquias europeias. Por isso é tão difícil acompanhar a trajetória do republicanismo no período de glória do Iluminismo. As convicções pessoais de muitos escritores foram decisivas para a incorporação das questões republicanas na ordem do dia, mas estiveram longe de ser convergentes na afirmação de sua pertinência para além do debate moral. Encontramos nessa época escritores como Alexandre Delyre, autor de *Pensées d'un républicain sur les moeurs de ce siècle* [Pensamentos de um republicano sobre os costumes deste século],³ cuja adoção dos valores republicanos o levaria a uma crítica violenta dos costumes de seu tempo, à qual ele permaneceria fiel até os anos mais turbulentos da Revolução. Mas temos também autores como Mably, que embora em seu *Droits et devoirs du citoyen* [Direitos e deveres do cidadão] sustente teses radicais sobre propriedade, foi durante sua vida um defensor prudente e pouco conhecido da virtude associada ao comportamento dos grandes

² Idem, ibidem, p. 140.

³ Idem, ibidem, pp. 157-61.

atores políticos do passado.⁴ Sua descrição a respeito de algumas de suas ideias políticas foi tamanha que dificilmente podemos afirmar que tenha havido influência de seu pensamento antes de sua morte.

Diderot talvez seja o exemplo mais marcante do percurso sínuso da consolidação do republicanismo como parte da linguagem e do universo conceitual das Luzes. Defensor explícito da monarquia na primeira fase da elaboração da *Encyclopédie* e crítico mordaz do caráter utópico do pensamento de muitos de seus contemporâneos — Rousseau em particular —, ele acabou voltando ao tema da virtude, e distanciou-se de concepções meramente utilitárias da ordenação social que o haviam influenciado no começo de sua trajetória.⁵ Ao buscar compreender a função do filósofo num mundo decadente — mas que podia recuperar seu equilíbrio sem necessariamente voltar ao estado de natureza —, Diderot concede um papel central à luta pela liberdade, influenciando assim muitos de seus contemporâneos que, com o passar dos anos, tornar-se-ão críticos violentos da monarquia — justamente aquela que o filósofo aceitara anteriormente com tanta tranquilidade como uma forma necessária de governo para a França. Nesse sentido, é esclarecedora a posição de Imbruglia, quando afirma: “A tradição do republicanismo inglês sofreu uma importante transformação: por meio da reflexão de Montesquieu,

⁴ Claude Nicolet, *L’Idée républicaine en France (1789-1924)*, pp. 68-70.

⁵ Ver a esse respeito Gerolamo Imbruglia, “From utopia to republicanism: the case of Diderot”, em Biancamaria Fontana (org.), *The Invention of the Modern Republic*, pp. 63-85. Para uma visão de conjunto da obra de Diderot, ver Franklin de Matos, *O filósofo e o comediante*. Para um estudo sobre a crítica à metafísica feita por Diderot, ver Roberto Romano, “Diderot, Penélope da Revolução”, em *O caldeirão de Medeia*, pp. 217-46.

Rousseau e Diderot, ela encontrou uma nova fertilidade que, em poucos anos, daria seus frutos”.⁶

Nosso propósito neste capítulo não é acompanhar detalhadamente as referências que encontramos ao vocabulário republicano em obras setecentistas. Isso nos obrigaria a visitar um grande número de fontes — e de todas as naturezas —, o que escapa aos objetivos deste livro. Assim, recorreremos a alguns dos grandes representantes do pensamento iluminista para analisar os primeiros momentos de constituição do republicanismo francês no século XVIII, conscientes de que essa é apenas parte de uma história bem mais extensa e complexa.

MONTESQUIEU E A QUESTÃO REPUBLICANA

O recurso à obra de Montesquieu na polêmica que impera hoje entre republicanismo e liberalismo obscurece o papel que ele teve na formação do arcabouço teórico dentro do qual o republicanismo francês nasceu e se propagou no século XVIII.⁷ A contribuição do autor de *O espírito das leis* à constituição do pensamento republicano foi decisiva no plano teórico, mas deve ser vista separadamente de sua posição pessoal, já que esta tinha por referência uma crítica ao absolutismo, e não o desejo de alterar as instituições fundamentais da França.

Um exemplo da dificuldade em apreender o sentido de seus livros e sua relação com a tradição republicana está no uso que Marat fez de seus principais escritos. Ao compará-lo com Rousseau em 1789, o revolucionário lembra que enquanto o ge-

⁶ Gerolamo Imbruglia, op. cit., p. 85.

⁷ M. Hulliung, *Citizens and Citoyens. Republicans and Liberals in America and France*, pp. 1-21.